

Isaías Caminha: desilusões de um mulato-instruído na imprensa

Elaine Brito Souza¹ (UERJ)

Resumo:

*Neste trabalho, serão analisadas duas obras consideradas fundamentais sobre o fazer jornalístico-literário: **Ilusões perdidas**, de Honoré de Balzac, e **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, de Lima Barreto. Depois de verificar as aproximações possíveis entre esses dois romances, tão distantes no tempo e no espaço, pretendemos demonstrar de que modo o escritor carioca recria em moldes brasileiros a desilusão balzaquiana.*

Palavras-chave: Imprensa – literatura – intelectual – autobiografia - romance

1 Jornalismo e literatura

Em 1908, quando o Rio de Janeiro se despedia do Bruxo do Cosme Velho, na outra ponta da cidade, no subúrbio de Todos os Santos, o jovem Afonso Henriques de Lima Barreto dava os retoques finais no texto com o qual se lançaria como romancista. Em dezembro do ano seguinte, já pode ser encontrada nas livrarias a primeira edição de **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Porém, em breve Lima Barreto terá que enfrentar o silêncio da imprensa ou as críticas negativas. Medeiros e Albuquerque, por exemplo, considera-o **venenosíssimo**. Em carta a um amigo, o escritor não esconde sua preocupação com a recepção da obra:

Ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance à clé, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isso, os que não gostaram foi por isso também. Há alguma coisa a mais do que isso no meu modesto volume. (BARRETO, 2001. p. 22)

De fato, por muito tempo o romance de estreia de Lima Barreto foi lido como uma revanche de um escritor rejeitado pelo meio literário e incompreendido pelo público de seu tempo. Porém, a obra ganhou novos olhares, terminando por ser conduzida ao posto de uma das mais importantes da literatura brasileira, segundo consulta realizada nos anos quarenta pela Revista Acadêmica a intelectuais do país inteiro.

Dando continuidade aos estudos que, para além do rancor de Lima Barreto, revelam a densidade temática e estética de **Recordações**, nesta comunicação pretendo desenvolver a hipótese de que Lima Barreto compõe seu romance de estreia em amplo diálogo com **Ilusões perdidas**, de Honoré de Balzac, publicado cerca de um século antes. Começo por explorar alguns aspectos que aproximam essas obras tão distantes no tempo e no espaço.

Primeiro, considero que, em **Recordações**, Lima Barreto retoma um tema que garantiu a romancistas europeus do século XIX grande sucesso de público: a **ambição**. Esse é o elemento que impulsiona a saga de Lucien de Rubempré e Isaías Caminha.

A ação de **Ilusões perdidas** tem início em 1819, numa pacata província do interior da França, onde o jovem poeta Lucien mora com a família, que sobrevive, com dificuldades, graças aos rendimentos trazidos por uma modesta tipografia. Num arroubo apaixonado, Lucien foge com sua amada para a capital, onde espera obter as condições necessárias para lançar-se como escritor, o que lhe renderia fama, prestígio e conforto. Agora, vejamos o que ocorre ao nosso Isaías: também de família humilde, entusiasmado pela notícia de que um colega havia se formado em Farmácia, abandona a vida interiorana para fixar-se na capital, onde esperava concluir os estudos superiores e, assim, laurear-se, com direito a “anel no dedo, sobrecasaca e cartola” (BARRETO, 2001. p. 126). No entanto, a vida em uma capital, seja Paris ou Rio de Janeiro, é sempre mais dispendiosa e arriscada. Tanto Lucien como Isaías experimentam a miséria, o abandono e a dissolução de seus

ideais, traídos pela força das próprias crenças.

Ironicamente, Isaías leva na bagagem um exemplar de **O poder da vontade**, presente de uma professora, seu livro de cabeceira. Diante de tantos dissabores, Isaías busca inspiração nas trajetórias de homens ilustres que enfrentaram severas dificuldades antes de se tornarem respeitados pelos seus compatriotas.

Já Lucien abandona a província levando consigo os manuscritos de um livro de sonetos e de um romance, com os quais esperava ser reconhecido como um novo talento literário. Porém, seus sonhos logo esbarram em livreiros e editores nada preocupados com os destinos da literatura, mas apenas com seus interesses comerciais.

Acuados pelas frustrações e pelas perdas materiais, Lucien e Isaías são obrigados a buscar por um emprego, o que encontram no mesmo lugar: os jornais. Na verdade, ambos os personagens são projeções de seus criadores, pois Balzac e Lima são escritores que ganharam a vida, sobretudo, em atividades relacionadas à imprensa, onde acumularam desafetos. Logo, os dois escritores se prevalecem do profundo conhecimento que tinham da imprensa para fazer dela o grande pano de fundo de seus romances.

Lucien, aspirante a escritor, e Isaías, aspirante a doutor, representam aqueles que, encontram nas redações talvez a única possibilidade de sobrevivência pelo trabalho intelectual. Apesar de viverem em países com formações históricas e sociais muito distintas, Balzac e Lima Barreto dão vida ao mesmo fenômeno: trata-se do acolhimento, por parte da imprensa, de jovens pobres e sem diploma, mas instruídos e hábeis com as palavras. No Brasil, os chamados **anatolianos**, em referência ao espírito militante de Anotole France.

Porém, além de garantir renda aos jovens literatos, tanto em **Ilusões** como em **Recordações**, a imprensa cumpre sua função de vitrine intelectual. Lucien enxerga no jornalismo uma luxuosa porta de entrada para a vida literária, enquanto Isaías, quando chega ao cargo de redator, anseia pelo reconhecimento dos meios ilustrados. O próprio Lima Barreto, ora vítima da indiferença, ora do ataque dos jornalistas, reconhece o poder que eles têm de fazer ou desfazer talentos. Ao tomar conhecimento de um elogio feito por José Veríssimo no Jornal do Comércio, o escritor registra com notória satisfação no seu diário íntimo: “Já começo a ser notado”. (BARRETO, 2001. p. 21)

Não obstante seus benefícios, o ingresso no jornalismo não acontece sem a resistência dos personagens, pois ambos têm consciência das contrapartidas exigidas por esse ofício. Em **Ilusões**, Lucien é, a todo momento, alertado por D’Arthez, líder virtuoso de um grupo de jovens tão pobres quanto sábios, sobre os perigos que cercam o jornalismo:

Não resistirás à constante alternativa de prazer e de trabalho de que é feita a vida dos jornalistas, e resistir é o fundamento da virtude. (...) Ser jornalista é passar a procônsul da república das letras. Quem tudo pode dizer chega a tudo fazer! (BALZAC, 1986. p. 234)

Em **Recordações**, os jornalistas não são representados de modo muito diferente, frequentemente envolvidos em trocas de favores pessoais e políticos. Porém, o que mais pesa aos personagens, além das concessões ideológicas, é a falta de tempo para o exercício do literário, fatigados e consumidos que são pelo trabalho diário nas redações. Isaías lamenta, por exemplo, não dedicar-se à conclusão de sua obra: “Cinco capítulos da minha **Clara** estão na gaveta; o livro há de sair...”. (BARRETO, 2001, p. 248)

Portanto, seja no Velho ou no Novo Mundo, o dilema entre vocação e sobrevivência parece inerente ao trabalho intelectual. Nesse sentido, Lucien e Isaías enxergam o jornalismo como prática mercantilista e a literatura como exercício verdadeiramente artístico, embora as duas atividades tenham convivido sem distinção por muito tempo.

Neste ponto, proponho o seguinte questionamento: por que Balzac e Lima Barreto teriam escolhido a imprensa como cenário dos romances em estudo? Certamente, a escolha não foi aleatória, pois os dois escritores pressentiram um mesmo processo ainda em curso no momento em que seus romances foram publicados: a progressiva transformação da palavra em mercadoria.

Não é à toa que os jornalistas de Balzac referem-se ao seu local de trabalho como lojas, nas quais “se vendem ao público palavras da cor que se deseja” (BALZAC, 1986. p. 320), sugerindo que a informação é tratada como negócio. De acordo com a mesma lógica, o dono do jornal O Globo não mede esforços para alavancar as vendas do periódico, seja recorrendo ao sensacionalismo tão ao gosto do público, caluniando os concorrentes ou chantageando figurões da política.

Na verdade, a conversão da palavra em produto é a consequência mais imediata da ampla modernização da imprensa, quando esse setor abandona o perfil artesanal para ganhar ares de empresa, o que acontece na Europa na primeira metade do século XIX. Mas, no Brasil, país de imprensa e capitalismo tardios, isso só vem a ocorrer nas primeiras décadas do século XX, quando os primeiros maquinários começam a ser importados, tornando obsoletas as tradicionais tipografias.

Nesse contexto, os jornais, de pequeno ou grande porte, tornam-se indústrias, submetidas a uma rígida divisão do trabalho para produzir tiragens cada vez maiores em intervalos de tempo cada vez mais curtos. Em outras palavras, Balzac e Lima Barreto intuem que problematizar o desenvolvimento da imprensa significa problematizar o desenvolvimento da própria sociedade capitalista.

Em **Recordações**, não são poucas as vezes em que Isaías, ainda como contínuo de O Globo, testemunha a ansiedade dos funcionários da redação em cumprir os objetivos dentro dos prazos estabelecidos. Certa madrugada, Isaías presencia o desespero do crítico literário do periódico, que atende pela alcunha de Floc, diante da cobrança por mais artigos. Nesse sentido, Floc é a metáfora trágica do jornalista absorvido pela indústria da notícia, cujas bases operam sobre a mecanização da palavra, resultando na produção em série de textos. Vítima de uma espécie de bloqueio mental, o crítico, operário da palavra, não consegue dar conta da demanda.

Aproximou a pena do papel e escreveu algumas palavras que riscou imediatamente. Suspendeu o trabalho. (...) Eu estava inquieto, sentindo vagamente um drama. (...) O paginador voltou:

- Seu Couto!

- Homem! Já vai! Você pensa que isto é máquina?

Voltou a escrever. A pena estava emperrada; não deslizava no papel. (BARRETO, 2001. p. 142)

Então, Isaías presencia o suicídio de Floc, momento em que o crítico sucumbe diante da pressão da engrenagem jornalística. Logo, alguém que “o jornal é mais tirânica manifestação do capitalismo”. (BARRETO, 2001. p. 131) Enfim, **a mercantilização da palavra, seja na sua forma jornalística ou literária, é outro aspecto problematizado por Lima Barreto e Balzac.**

2 Os romancistas da desilusão

Na visão de Lukács, esta seria a grande lição de **Ilusões perdidas**: a de que nem mesmo a literatura escapa da engrenagem capitalista, ideia sintetizada pela tese de que o romance de Balzac trata da “capitalização do espírito em todos os terrenos”. (LUKÁCS, 1968. p. 100) Segundo o teórico, com **Ilusões perdidas**, Balzac cria os chamados **romances da desilusão**, assim denominados porque neles, de uma forma geral, os inescrupulosos, identificados com os valores do

capitalismo, sempre triunfam, enquanto os justos e os idealistas fenecem.

Lukács esclarece que aquilo que ele chama de **desilusão** já teria se manifestado em Cervantes, pois quando Dom Quixote sai pelo mundo não se dá conta de que o heroísmo é um valor completamente obsoleto, gerando o deslocamento risível desse personagem, que termina imerso em arrependimento e melancolia. Mas, se a desilusão de Quixote se dá com o mundo feudal, que entra em crise com a ascensão burguesa, em **Ilusões perdidas** é a vez dos valores burgueses entrarem em colapso:

O romance da desilusão (...) representa como o falso conceito de vida, necessariamente criado pelo homem da sociedade burguesa, acaba miseravelmente ao chocar-se com a brutal prepotência da vida capitalista. (LUKÁCS, 1968. p. 101)

Então, podemos dizer que Lucien termina sua escalada profissional de modo, digamos, quixotesco. Arruinado por dívidas e relações pessoais desastrosas, acaba retornando em farrapos para sua cidade de origem. Em *Recordações*, Isaías também retorna ao interior, mas como homem bem-sucedido e até respeitado por seus pares.

Tendo chegado ao posto de redator de um jornal influente, depois de anos trabalhando como contínuo, Isaías é protagonista de uma história que contém todos os ingredientes para um autêntico final-feliz, com direito a casamento e filho no final. Mas, para o narrador de *Recordações*, o lucro material e profissional representa irreparável prejuízo moral.

Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza...Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia. (BARRETO, 2001. p. 253)

Portanto, não é com o tradicional otimismo que Isaías conclui o relato de sua própria jornada em direção a um posto de prestígio na sociedade. Em lugar da vitória, o personagem é, antes, a imagem da desolação.

Como vimos, Lucien e Isaías cumprem trajetórias bastante semelhantes, mas em contextos históricos distintos. **Ilusões perdidas**, assim como os demais romances da desilusão, é ambientado no período da Restauração, quando a monarquia retoma o poder na França, cenário propício para a desilusão de jovens idealistas como o herói de Balzac, pois uma geração inteira, entusiasmada pelos ideais da Revolução, vê-se encurralada pelos interesses de uma nobreza decadente, mas de poder revigorado, e as pretensões de uma burguesia poderosa economicamente, mas sem força política.

Já em **Recordações**, a desilusão de Isaías não se dá com a falência dos valores burgueses, até porque não se pode falar em formação de uma classe autenticamente burguesa no Brasil. A desilusão de Isaías se processa em relação aos ideais republicanos, a exemplo de outros personagens de Lima Barreto, como o emblemático Policarpo Quaresma. Portanto, para esclarecermos como se constrói a desilusão de Isaías no contexto da República Velha, é preciso compreender, primeiro, a relação contraditória que sustenta o novo regime.

Enquanto o liberalismo europeu identificou-se, desde o princípio, com os conceitos de cidadania e democracia, o nosso liberalismo demorou a questionar algumas distorções sociais, como, por exemplo, o trabalho escravo. Com a Abolição, o regime republicano substitui a antiga mão de obra por braços europeus, abrindo uma lacuna na sociedade brasileira, afinal, que destino dar ao ex-escravo?

Por esse motivo, Alfredo Bosi defende a tese de que o romance de Lima Barreto problematiza, sobretudo, a história do negro no Brasil depois do Treze de Maio. O mulato Isaías, embalado pelo discurso republicano, pretensamente defensor de igualdades e da universalização da

instrução, acabou por se tornar um brinquedo nas mãos dos poderosos.

Logo, se Balzac ilustra a vitória do capitalismo sobre o talento e a ideologia, Lima Barreto retrata o triunfo do poder, na sua forma política ou econômica, sobre o mérito verdadeiro. Isaías Caminha tem consciência de que, se não fosse pelas mãos do inescrupuloso Ricardo Loberant, talvez jamais tivesse chegado aonde chegou, ainda que sua capacidade de trabalho e refinamento intelectual superasse em muito a de todos que habitavam a redação do jornal O Globo, simplesmente porque pesaria sempre sobre ele a origem humilde e a condição de mestiço numa sociedade que se pretendia democrática, mas de mentalidade ainda por muito tempo escravocrata.

Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. (...) Percebi que me viam como exceção; e, tendo sentido que a minha instrução era mais sólida e mais cuidada do que a da maioria deles, apesar de todos os seus diplomas e títulos, fiquei animado (...). Sentindo-me realmente educado e sofrivelmente instruído, o doutor Loberant como que sentia remorso de não ter adivinhado isso e permitido que ficasse tanto tempo como contínuo de sua redação. Enchia-me de atenção e de dinheiro. (BARRETO, 2001, p. 248-252)

Em síntese, Lucien e Isaías sofrem da mesma ilusão de mobilidade social. Assim como o herói balzaquiano, que não consegue superar a origem pequeno-burguesa numa sociedade em que brasões valem mais do que qualquer trabalho honrado, o herói de **Recordações** reconhece que o título de doutor, mesmo que o tivesse obtido, não lhe teria sido suficiente.

3 Isaías Caminha e a dupla desilusão nos trópicos

Até este ponto, constatamos as aproximações entre **Ilusões perdidas**, de Balzac, e **Recordações do escrivo Isaías Caminha**, de Lima Barreto, o que nos permite afirmar que o escritor carioca teria recriado em moldes brasileiros a desilusão balzaquiana. Isso vai ao encontro de reflexões já bastante amadurecidas na nossa tradição crítica sobre o processo de aclimação pelo qual passaram ideologias e estéticas de matriz europeia em solo brasileiro. A questão que pretendo desenvolver agora é que, em **Recordações**, a desilusão não se limita aos fatos vivenciados pelo narrador-personagem, à matéria da narração em si, mas estende-se ao modo de fazê-la. Em outras palavras, abordarei de que modo a desilusão, até então abordada no plano temático, se desdobra no plano da escrita em Lima Barreto.

Embora Balzac e Lima Barreto contem histórias semelhantes, realizam projetos narrativos diferentes, o que passa, necessariamente, por esta importante categoria do romance que o é o narrador. Lima Barreto abre mão da onisciência do narrador balzaquiano para compor seu único romance em primeira pessoa, mimetizando uma narrativa autobiográfica, uma espécie de falsa autobiografia.

No entanto, o que chama a atenção em Isaías é a dificuldade com o relato de sua vida. Ao contrário do eu autobiográfico tradicional, de inspiração cartesiana e iluminista, completamente dono de si, Isaías revela-se hesitante diante da própria experiência. “Eu que sofri e não o sei narrar” (BARRETO, 2001, p. 161), confessa o narrador de **Recordações**.

Vítima de um tipo de gagueira narrativa, Isaías projeta um texto considerado mal escrito por muitos leitores cultos da época. Porém, o que no início do século XX foi considerado pela maioria um problema de composição, na verdade, revela o traço moderno do romance, pois ele antecipa um movimento muito comum entre narradores até mais contemporâneos: a problematização da escrita da própria obra.

Para muitos escritores, como o próprio Lima Barreto, a escrita de um romance é “uma angústia intraduzível” (BARRETO, 2001. p. 20) Em 1905, quando começa a trabalhar em **Recordações**, revela a um amigo: “Mas, bem sabes o que é a dor de escrever. Essa tortura que o papel virgem põe n’alma de um escritor incipiente.” (idem) Seu personagem Isaías, síntese do escritor moderno, é tomado pela mesma sensação de mal-estar diante da própria obra. Por isso, busca nos grandes autores modelos e normas, uma fórmula para que a narrativa deslanche: “Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer.” (BARRETO, 2001. p. 162) Entre os autores citados por Isaías estão Dostoiévski, Voltaire, Tolstói, Stendhal, Flaubert e, claro, Balzac. Porém, recorrer aos clássicos não soluciona os impasses com a escrita do romance.

Por isso, em **Recordações**, Isaías vive uma **desilusão não só como personagem, mas também como narrador**. A desilusão de Isaías se torna uma experiência mais complexa que a balzaquiana à medida que não consegue narrá-la. O herói não se desilude apenas com o saber, com a imprensa, com o fazer literário, com o mundo letrado. Ele se dá conta de que à impossibilidade de ascender socialmente pelo trabalho intelectual soma-se outra impossibilidade: a de narrar a própria história de acordo com os padrões estabelecidos. Por isso, digo que Lima Barreto cria um romance sobre o a imprensa, o intelectual brasileiro e o Brasil republicano, mas também sobre o próprio romance, fazendo jus ao caráter autocrítico desse gênero.

Isaías constata que, para atender aos seus objetivos, é preciso questionar o modelo tradicional de narração, motivo que talvez tenha levado a uma recepção muito tímida por parte da crítica de seu tempo, ainda norteadas por princípios bastante conservadores em matéria de romance.

A posição isolada e intrigante de Lima Barreto explica-se pelo fato de ter ele assumido uma estética popular numa literatura como a brasileira, em que os critérios de legitimação do produto ficcional foram sempre os dados pela leitura erudita. (SANTIAGO, 1982. p. 166)

Nesse sentido, **Recordações** contraria, por exemplo, a relação espaço-temporal típica que encontramos no romance de Balzac.

Enquanto o herói balzaquiano desenvolve-se na velocidade do seu deslocamento, o herói de Lima Barreto é um personagem que se desenvolve no curso do tempo. De fato, Lucien é dono de uma trajetória meteórica, pois no curto intervalo de dezoito meses vai do anonimato à fama, da pobreza ao luxo, da amizade à traição, do casamento ao luto. **Recordações**, por sua vez, é cronologicamente muito mais amplo, pois se estende da juventude à maturidade de Isaías, mas o resultado é um romance condensado em, relativamente, poucos capítulos. Logo, o excesso de movimentação que caracteriza o romance tradicional, mesmo o autobiográfico, cede espaço, em **Recordações**, à reflexão, ao olhar do narrador sobre os acontecimentos. Isaías Caminha é mais que um narrador-personagem típico, é um observador cuidadoso da sociedade em que vive, mas seu ponto de vista é periférico em função do lugar social que ocupa.

Enfim, ao explorar o ponto de vista de um literato de nascimento pobre e mulato, que durante anos trabalha como contínuo de um jornal e decide contar em livro sua trajetória profissional de modo nada convencional, Lima Barreto dá voz a um personagem que não está apenas na periferia da cidade, mas também do romance.

Referências Bibliográficas

- 1] BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Trad. Ernesto Pelandia e Mário Quintana. Círculo do Livro: São Paulo, 1986.
- 2] BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Organização de Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Nova

Aguilar, 2001.

- 3] BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 4] BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: ____ *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 5] BOSI, Alfredo. “Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha”. In: ____ *Literatura e resistência*. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.
- 6] _____. “A escravidão entre dois liberarismos”. In: ____ *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 7] BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- 8] COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil de 1904 a 2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 9] FIGUEIREDO, Carmem L. N. “Recordações do escrivão Isaías Caminha: uma narrativa intempestiva”. In: ____ *Narrativa e recepção: séculos XIX e XX*. Eduff: Niterói, 2009.
- 10] _____. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- 11] GINZBURG, Jaime. “Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia”. In: GALLE, Helmut et AL (org). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume, 2009.
- 12] LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- 13] _____. Balzac: “Les Ilusions Perdues”. In: ____ *Ensaaios sobre literatura*. Civilização Brasileira: 1968.
- 14] MOISÉS-Perrone, Leila. “Atualidade de Balzac”. In: ____ *Inútil poesia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 15] SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- 16] TAILANDIER, François. *Balzac*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- 17] WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- 18] WISNIK, José Miguel. “Ilusões perdidas”. In: ____ NOVAES, Adauto (org). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras: 1992.

iAutor

Elaine SOUZA, Prof. Ms. em Literatura Brasileira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

ebscomunica@ig.com.br